

Deus luta conosco, porque é Pai

Na Audiência Geral desta quarta-feira, o Papa Francisco prosseguiu com o ciclo de catequeses sobre o Pai-Nosso, explicando hoje a penúltima invocação: "Não nos deixeis cair em tentação" (Mt 6, 13).

01/05/2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Prosseguimos a catequese sobre o “Pai-Nosso”, chegando hoje à penúltima invocação: «Não nos

abandone a tentação» [versão em italiano]. Outra versão diz: «Não nos deixeis cair em tentação» (*Mt 6, 13*). O “Pai-Nosso” começa de maneira serena: faz-nos desejar que o grande projeto de Deus se possa realizar no meio de nós. Depois lança um olhar à vida, e faz-nos pedir aquilo de que precisamos todos os dias: o “pão de cada dia”. Em seguida, a oração concentra-se nas nossas relações interpessoais, muitas vezes poluídas pelo egoísmo: pedimos o perdão e comprometemo-nos a concedê-lo. Mas é com esta última invocação que o nosso diálogo com o Pai celeste entra, por assim dizer, vai ao cerne do drama, ou seja, ao âmbito do confronto entre a nossa liberdade e as ciladas do maligno.

Como se sabe, a expressão original grega contida nos Evangelhos é difícil de traduzir de maneira exata, e todas as traduções modernas são um pouco imprecisas. Mas sobre um

elemento podemos convergir de maneira unânime: seja qual for a interpretação do texto, devemos excluir que é Deus o protagonista das tentações que ameaçam o caminho do homem. Como se Deus estivesse emboscado para armar ciladas e armadilhas aos seus filhos. Uma interpretação deste género antes de tudo está em contraste com o próprio texto, e longe da imagem de Deus que Jesus nos revelou. Não esqueçamos: o “Pai-Nosso” começa com “Pai”. E um pai não arma ciladas aos filhos. Os cristãos não têm que lidar com um Deus invejoso, em competição com o homem, ou que se diverte a pô-lo à prova. Estas são as imagens de tantas divindades pagãs. Lemos na Carta de Tiago apóstolo: «Ninguém diga, quando for tentado pelo mal: “É Deus que me tenta”. Porque Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém» (1, 13). No máximo é o contrário: o Pai não é o autor do mal, a nenhum filho que

pede um peixe ele dá uma serpente (cf. *Lc* 11, 11) — como ensina Jesus — e quando o mal se insinua na vida do homem, combate ao seu lado, para que possa ser libertado. Um Deus que combate sempre por nós, não contra nós. É o Pai! É neste sentido que rezamos o “Pai-Nosso”.

Estes dois momentos — a prova e a tentação — estiveram misteriosamente presentes na vida de Jesus. Nesta experiência o Filho de Deus fez-se completamente nosso irmão, duma maneira que chega quase ao escândalo. E são precisamente estes excertos evangélicos que nos demonstram que as invocações mais difíceis do “Pai-Nosso”, aquelas que encerram o texto, já foram ouvidas: Deus não nos deixou sozinhos, mas em Jesus Ele manifesta-se como o “Deus-conosco” até às extremas consequências. Está conosco quando nos dá a vida, está conosco durante a vida, está conosco

na alegria, está conosco nas
provações, está conosco nas tristezas,
está conosco nas derrotas, quando
pecamos, mas está sempre conosco,
porque é Pai e não nos pode
abandonar.

Se formos tentados a praticar o mal,
negando a fraternidade com os
outros e desejando um poder
absoluto sobre tudo e sobre todos,
Jesus já combateu por nós esta
tentação: confirmam-no as primeiras
páginas dos Evangelhos. Logo depois
de ter recebido o batismo pelas mãos
de João, no meio da multidão dos
pecadores, Jesus retira-se no deserto
e é tentado por Satanás. Começa
assim a vida pública de Jesus, com as
tentações que vêm de Satanás.
Satanás estava presente. Muitas
pessoas dizem: “mas por que falar do
diabo que é uma coisa antiga? O
diabo não existe”. Repara no que te
ensina o Evangelho: Jesus
confrontou-se com o diabo, foi

tentado por Satanás. Mas Jesus afasta qualquer tentação e sai vitorioso. O Evangelho de Mateus tem um aspeto interessante que encerra o duelo entre Jesus e o Inimigo: «Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no» (4, 11).

Mas também no tempo da provação suprema Deus não nos deixa sozinhos. Quando Jesus se retira para rezar no Getsêmani, o seu coração é invadido por uma angústia indescritível — assim diz aos discípulos — e Ele experimenta a solidão e o abandono. Sozinho, com a responsabilidade de todos os pecados do mundo sobre os ombros; sozinho, com uma angústia inenarrável. A provação é tão dilacerante que acontece algo inesperado. Jesus nunca mendiga amor para si mesmo, contudo naquela noite sente a sua alma triste até à morte, e então pede a proximidade dos seus amigos: «fikai aqui e vigiai comigo» (*Mt* 26,

38). Como sabemos, os discípulos, sobrecarregados por um entorpecimento causado pelo medo, adormeceram. No tempo da agonia, Deus pede ao homem que não o abandone, e ao contrário o homem dorme. No tempo em que o homem conhece a sua provação, Deus vigia. Nos momentos mais difíceis da nossa vida, nos momentos de mais sofrimento, nos momentos mais angustiantes, Deus vigia conosco, Deus luta conosco, está sempre próximo de nós. Porquê? Porque é Pai. Começámos assim a oração: “Pai-Nosso”. E um pai não abandona os seus filhos. Aquela noite de dor e de luta são para Jesus o último selo da Encarnação: Deus desce para se encontrar conosco nos nossos abismos e nas aflições que constelam a história.

É o nosso conforto na hora da provação: saber que aquele vale, desde quando Jesus o atravessou, já

não está desolado, mas está
abençoado pela presença do Filho de
Deus. Ele nunca nos abandonará!

Por conseguinte, ó Deus, afasta de
nós o tempo da provação e da
tentação. Mas quando chegar para
nós este tempo, Pai nosso, mostra-nos
que não estamos sozinhos. Tu és o
Pai. Mostra-nos que Cristo já
carregou sobre si também o peso
daquela cruz. Mostra-nos que Jesus
nos chama a carregá-la com Ele,
abandonando-nos confiantes ao teu
amor de Pai. Obrigado.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/deus-luta-
conosco-porque-e-pai/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/deus-luta-conosco-porque-e-pai/) (08/08/2025)